

COLEÇÃO MUSEU DO IPIRANGA 2022

CASAS E COISAS

MUSEU
DO IPIRANGA
— USP

edusp

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Carlos Gilberto Carlotti Junior
Reitor

Maria Arminda do Nascimento Arruda
Vice-reitora

MUSEU PAULISTA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Rosaria Ono
Diretora

Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira
Vice-diretor

FUNDAÇÃO DE APOIO À
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Marcilio Alves
Diretor

Silvia Pereira de Castro Casa Nova
Diretora-adjunta

EDITORIA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO

Sergio Miceli Pessôa de Barros
Diretor-presidente

COMISSÃO EDITORIAL

Rubens Ricupero
Presidente

Maria Angela Faggin Pereira Leite
Vice-presidente

Clodoaldo Grotta Ragazzo
Laura Janina Hosiasson
Merari de Fátima Ramires Ferrari
Miguel Soares Palmeira
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
Membros

Marta Maria Geraledes Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão
Suplentes

Carla Fernanda Fontana
Editora-assistente

Cristiane Silvestrin
Chefe Div. Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casas e coisas / [coordenação Vânia Carneiro de Carvalho].
— 1. ed., 1. reimpr. — São Paulo, SP: Edusp: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 2022. — (Coleção Museu do Ipiranga 2022 ; 5)
Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-89364-15-7 (Museu Paulista)
ISBN 978-65-5785-084-8 (Edusp)
1. Artes - Exposições - Catálogos 2. Museu Paulista (São Paulo, SP) - História 3. Objetos de arte - Exposições - Catálogos I. Carvalho, Vânia Carneiro de. II. Série.

22-116694 CDD-730.920981

Índices para catálogo sistemático:
1. Artes: Brasil: Exposições: Catálogos 730.920981
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

SUMÁRIO

Apresentação **05**

ROSARIA ONO E AMÂNCIO JORGE SILVA NUNES DE OLIVEIRA

Um museu universitário de história **07**

VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO

01 Casas e coisas: a história de uma exposição **14**

VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO

02 Interiores e interioridade **46**

VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO

A Casa Velha de Machado de Assis **58**

ERICA DE OLIVEIRA NASCIMENTO

03 O “sexo” das coisas **68**

VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO

04 Nostalgia e ilusão **94**

VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO

05 Objetos de cozinha, objetos de si **118**

VIVIANE SOARES AGUIAR

O liquidificador entra, a peneira fica **136**

LAURA STOCCO FELICIO

Disputas entre corpos e objetos culinários **158**

MARIA EUGÊNIA FERREIRA GOMES

Uma história enlatada **182**

FREDERICO DE OLIVEIRA TOSCANO

Sobre os autores **200**

Ficha técnica **203**

Parceiros do Museu **204**



APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que apresentamos o conjunto de publicações elaboradas pela equipe do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, por ocasião da reabertura do Museu do Ipiranga e da inauguração das novas exposições, no ano das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil.

O Museu do Ipiranga é um equipamento cultural que faz parte do Museu Paulista, juntamente com o Museu Republicano Convenção de Itu, e que pertence à Universidade de São Paulo desde 1963. O Museu Paulista é o mais antigo museu do estado de São Paulo, inaugurado em 1895 no atual edifício do Museu do Ipiranga, como museu de história natural e que, ao longo do século 20, teve um crescimento acentuado de seu acervo com novas aquisições, acompanhando o ritmo das pesquisas das ciências naturais, etnologia e história do Brasil, principalmente na primeira metade do século. Aos poucos, essas coleções especializadas do Museu Paulista deram origem a outras instituições. A Pinacoteca do Estado nasceu do desmembramento das obras de arte do acervo do Museu Paulista em 1905. Em 1927, o seu acervo botânico foi transferido para o recém-criado Instituto Biológico; em 1939, o seu acervo zoológico foi transferido para o Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura e deu origem

ao Museu de Zoologia em 1941 e, finalmente, em 1989, o seu acervo de arqueologia e etnologia colaborou para a formação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Como consequência, na década de 1990, o Museu Paulista redefiniu sua vocação, que passou a ser a história da cultura material, com foco na sociedade brasileira.

Como museu universitário, o Museu Paulista estabeleceu sua missão, já no século 21: promover a educação em todos os níveis e desenvolver atividades de extensão e cultura tendo como referência o patrimônio material que coleta e conserva, por meio da produção de conhecimento científico sobre a formação histórica da sociedade brasileira.

Dessa forma, as publicações que aqui são apresentadas têm como objetivo cumprir a missão do Museu Paulista, de divulgação do conhecimento produzido para um público amplo, contemplado por meio de livros relativos às exposições de longa duração, que aprofundam as temáticas nelas trabalhadas; materiais dedicados ao público infanto-juvenil; livretos para educadores relativos ao conteúdo das exposições de longa duração e o catálogo da exposição temporária *Memórias da Independência*.

Reforçamos aqui, em especial, a importância institucional dada à área de educação pelo Museu Paulista que, historicamente, mantém uma grande proximidade com o público escolar – professores e estudantes. Assim, ressalta-se a dedicação dada à produção do material didático de apoio para professores da rede de ensino básico (fundamental e médio), sobre os assuntos tratados nas exposições de longa duração.

O desejo do Museu Paulista é que estas publicações alcancem os seus públicos e cumpram efetivamente a missão desta instituição, divulgando o conhecimento histórico produzido em várias das pesquisas desenvolvidas com o seu acervo desde a década de 1990, e que novas publicações possam ser promovidas num futuro próximo, aproveitando, principalmente, a ocasião das renovações das exposições, para o amplo acesso às coleções e às pesquisas geradas por esta instituição à sociedade.

Rosaria Ono
Diretora do Museu Paulista-USP

Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira
Vice-diretor do Museu Paulista-USP



UM MUSEU UNIVERSITÁRIO DE HISTÓRIA

Em 1989, o Museu Paulista passou por mudanças que afetaram e ainda afetarão, por muito tempo, sua trajetória. O historiador Ulpiano Bezerra de Meneses, nomeado diretor, tinha o objetivo de transformar a instituição definitivamente em um museu de história. Para isso, o Museu enfrentou o último de vários desmembramentos ocorridos ao longo de sua existência: as coleções de arqueologia e etnologia foram transferidas para o Museu de Arqueologia e Etnologia da mesma Universidade. Consolidaram-se, assim, as especialidades de cada um desses museus, ainda que tais divisões de objetos e conhecimentos, sobretudo a segregação dos estudos de comunidades indígenas dos estudos históricos em geral, sejam hoje questionáveis.

Mas não se tratava apenas de instituir uma racionalidade organizacional das áreas do conhecimento, evitando-se sobreposições. Concluir o processo que fez o Museu deixar de ser uma instituição enciclopédica, perfil típico dos museus de história natural do século 19, para torná-lo um museu de história moderna e contemporânea significava levar a cabo mudanças também no modo como a própria disciplina histórica e as atividades cotidianas do Museu tinham sido vivenciadas até então.

Desde o pós-guerra, as ciências humanas já vinham reconstruindo seus objetos de estudo e, como consequência, empreendendo também revisões metodológicas e documentais. Na História, o interesse pelos fenômenos de longa duração deslocaram para segundo plano as narrativas baseadas em personalidades ou em acontecimentos políticos e econômicos para dar lugar a processos sociais mais amplos. O tratamento alargado do tempo histórico tornou imprescindível considerar a cultura como substrato de qualquer estudo da vida

social. Os interesses dos historiadores voltaram-se para os imaginários, os comportamentos, as percepções, os gostos e o cotidiano de populações antes ignoradas ou tratadas como simples coadjuvantes nas tradicionais análises históricas. Também o modo de olhar o documento mudara. Os documentos legais e ritualísticos do Estado davam lugar aos dados coletados em séries documentais que atravessavam os séculos e eram capazes de informar sobre experiências sociais que ultrapassavam pessoas e mesmo gerações.



Figura 1. Reserva Técnica do Museu Paulista-USP.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.



Figura 2. Reserva Técnica de pinturas do Museu Paulista-USP.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.

CASAS E COISAS

A HISTÓRIA DE UMA EXPOSIÇÃO

VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO

Podemos imaginar que a identidade de uma pessoa se constitui, em parte, pelas interações que ela estabelece com as coisas que ela coleciona ou com as coisas que ela reúne em torno de si, na sua casa, no seu quarto, nas suas prateleiras, nos seus armários e gavetas. Susan Pearce e Russell Belk, estudiosos do colecionismo privado, já nos mostraram como, ao se envolver com seus objetos, o colecionador se constrói como tal, afetado pelas ações que os objetos exigem. Que ações são estas? Coletar, limpar, consertar, guardar, organizar, classificar, exibir, apreciar, trocar, conhecer são algumas dessas ações.

Podemos imaginar tais ações de modo mais detalhado e concreto. Elas podem envolver viagens para se obter os objetos desejados; elas mobilizam a energia de nossos corpos, que gastam tempo e esforço, às vezes especializado, na limpeza dos itens colecionados; no seu arranjo estético mais aprazível ou lógico. Nunca me esqueço de um colecionador de espadas samurais me explicando como era difícil e perigoso fazer a manutenção desses objetos... uma coleção pede investimento financeiro necessário para se comprar e, depois, conseguirem-se espaço e mobiliário para a guarda; ela incentiva a busca por conhecimento, o estabelecimento de critérios de coleta e de organização; a coleção nos captura afetivamente ao reunir

suvenires de nossas experiências, ao nos levar a estabelecer novos relacionamentos e, com isso, permitir que troquemos ou comercializemos itens de nossa coleção, conversemos sobre ela; sem falar nas mudanças psíquicas (paixão, disciplina, orgulho, prestígio ou mesmo obsessão) que a prática do colecionismo promove e que afeta a identidade pessoal e social do colecionador.

Por mais estranho que possa parecer à primeira vista, a exposição *Casas e coisas* é também uma exposição sobre colecionismo, sobre como esses objetos acabaram juntos.

Eu quero contar a história dessa exposição. Como chegamos aqui? E mostrar os efeitos das práticas do colecionismo institucional sobre nossas ações dentro de um Museu.

Ainda que a lógica relacional entre pessoas e objetos seja a mesma para o colecionismo privado e o institucional, há diferenças nas motivações de escolha e na escala que a reunião de objetos adquire no Museu.

O Museu Paulista já possuía objetos advindos de interiores de residências. Vivendo quase exclusivamente de doações, o Museu recebeu os pertences de famílias que ambicionavam ver parte de suas vidas privadas alçadas à condição de coisa pública, como modelo de representação de um passado em que prestígio político e vantagens econômicas poderiam ser perpetuados como objetos de memória. Foi assim que pessoas das elites conseguiram trazer para o Museu os objetos que usaram em suas casas. Temos a sala de visitas de Augusto e Jesse Souza Queiroz, composta por objetos do século 19 e doada pela filha Olga de Souza Queiroz (Figura 1). Junto com os móveis vieram também pinturas (Figuras 2 e 3), bibelôs, aparelhos de jantar de porcelana importada e monogramada (Figuras 4 e 5), fotografias, álbuns de viagens, roupas, acessórios pessoais. Ou o quarto do embaixador José Carlos de Macedo Soares (Figuras 6, 7 e 8), o álbum de fotografias do palacete de Basílio e Adma Jafet, doado pelas suas netas Edmea, Elisabeth e Edith Jafet (Figuras 9 e 10). Na ausência de políticas claras de coleta, impressionava-me perceber como eram poucos os grupos sociais fora das elites que reconheciam o Museu como um lugar onde seus objetos poderiam estar. Filhas e filhos de pessoas sem posses nos procuravam, por vezes, para doar documentos pessoais como o registro geral (RG), o título de eleitor, um diploma ou um documento com a assinatura de alguma personalidade pública de projeção. Recebemos a doação de Mário Henrique da Silva, filho de Mário Flávio da Silva, maître por mais de 40 anos no luxuoso Hotel Esplanada, na Praça Ramos de Azevedo, no centro da cidade de São Paulo, atrás do Teatro Municipal. Mas o que fora reunido por ele não eram os documentos de seu pai, mas os menus e cardápios dos banquetes e eventos sociais servidos para personalidades da política, do esporte e da cultura. Para filho e pai, eram os testemunhos da opulência de quem estava do outro lado da mesa que deveriam figurar em um museu de história.

Compramos da filha de um catador de material reciclável um álbum de fotografias do século

19 que seu pai encontrara no lixo (Figura 11). O álbum trazia retratos em albumina no formato *carte de visite* (9 x 6 cm) de personalidades mundiais famosas, vendidos nos ateliês fotográficos à época – eram imperadores, reis e rainhas, filósofos, poetas, cientistas, artistas – que costumavam ser reunidos em álbuns para estimular a conversa erudita entre aqueles que os folheavam.

A menina que trouxe o álbum para o Museu disse que sua mãe, num primeiro momento, pensou em retirar as fotografias antigas e ocupar o álbum com os retratos de sua família. Fiquei pensando quão interessante não seria o resultado dessa apropriação

e se isso desqualificaria ou não a entrada do álbum para as coleções do Museu.

Mas o Museu que adentrava a década de 1990 vinha mudando e havia estabelecido área e linhas de pesquisa que orientavam a aquisição e a formação de coleções. Contudo, seria somente a partir de 1994, com a cobrança de ingressos, que o Museu passaria a ter capacidade financeira para comprar itens para incrementar as coleções já existentes ou criar novas segundo as diretrizes institucionais. Mesmo assim, as doações nunca deixaram de ser recebidas, ainda que triadas seguindo os critérios do plano diretor de 1989. Foi assim que, na condição de museu

de história, as coleções passaram a atender não mais às vontades aleatórias de doadores e curadores, mas a recortes temáticos que permitiam tratar de processos sociais coletivos, abrangentes o suficiente para envolver diferentes sujeitos sociais. Por meio de questões engendradas a partir de pesquisas, alinhadas com o que contemporaneamente se fazia nos departamentos de história desde meados do século 20, era possível agora investir na coleta de tipologias seriadas de objetos e imagens capazes de informar ao longo de décadas ou séculos, sobre a vida de pessoas que não deixaram suas marcas em documentos públicos ou documentação escrita privada (Figuras 12 e 13).



Figura 1. Sala de visitas representando ambiente do final do século 19 e constituída com objetos que pertenceram à família Souza Queiroz.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.

LANÇAMENTO 2022

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

